Atenção, política! Yves Lacoste na crítica ao terceiro-mundismo e aos estudos pós-coloniais

Attention, politics! Yves Lacoste in the critique of third worldism and post-colonial studies

Attention, politique! Yves Lacoste dans la critique du tiers-mondisme et des études postcoloniales

¡Atención, política! Yves Lacoste en la crítica del tercermundismo y los estudios poscoloniales

Víctor Daltoé dos Anjos

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/8150>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.8150

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Víctor Daltoé dos Anjos, «Atenção, política! Yves Lacoste na crítica ao terceiro-mundismo e aos estudos pós-coloniais», *Terra Brasilis* [Online], 15 | 2021, posto online no dia 31 julho 2021, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/8150> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.8150>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Atenção, política! Yves Lacoste na crítica ao terceiro-mundismo e aos estudos pós-coloniais

Attention, politics! Yves Lacoste in the critique of third worldism and post-colonial studies

Attention, politique! Yves Lacoste dans la critique du tiers-mondisme et des études postcoloniales

¡Atención, política! Yves Lacoste en la crítica del tercermundismo y los estudios poscoloniales

Víctor Daltoé dos Anjos

Introdução

- 1 Yves Lacoste, geógrafo de origem francesa nascido no Marrocos, é comumente considerado como um dos responsáveis pela ressurgência, na década de 1970, dos estudos associando geografia e política. Discípulo do anticolonialista Jean Dresch,¹ integrante inicial do grupo envolvido na proposição da *geografia ativa*,² foi responsável pela fundação de uma nova escola de geopolítica duas décadas depois. O processo teve como catalizadora a revista *Hérodote*, criada por Yves Lacoste junto a um corpo editorial de jovens acadêmicos como Béatrice Giblin, Michel Foucher, Michel Korinman e Maurice Ronai.
- 2 Entretanto, Paul Claval (2000: 261) faz um apontamento interessante sobre a difusão das obras de Yves Lacoste na América Latina. O autor afirma que houve um enorme destaque ao célebre livro *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre* (1976), publicado como extensão das ideias impressas no n° 1 da *Hérodote*.³ Todavia, a obra posterior de Lacoste, que forma uma vasta bibliografia, teria recebido pouca atenção: “[...] It means that the more progressive changes in the conceptions of geopolitics, imperialism and

nations since then remained ignored, especially in Spain, Brazil and Spanish-speaking Latin America countries” (Claval, 2000: 261).⁴

- 3 A observação de Claval parece fazer sentido no que diz respeito às traduções. O último livro de Lacoste vertido para a língua portuguesa foi *Contre les anti-tiers-mondistes et contre certains tiers-mondistes*, publicado em 1985 pela La Découverte, e editado em 1991 pela Editora Ática, no Brasil. Depois disso, apenas a Introdução do seu *Dictionnaire de la géographie: De la géopolitique aux paysages*, de 2003, foi traduzida e reproduzida numa coletânea de entrevistas de Yves Lacoste, realizadas e organizadas por Cláudio Zanutelli (2005: 13-23).
- 4 Inspirado no comentário de Claval, o objetivo do presente artigo é investigar em que medida um dos temas investigados por Yves Lacoste a partir dos anos 1980, a crítica ao terceiro-mundismo, informa e fundamenta a sua crítica aos estudos pós-coloniais na primeira década do século XXI. Para isso foram consultadas principalmente duas obras de Lacoste não traduzidas para a língua portuguesa, *Unité & diversité du tiers monde* (1980) e *La question post coloniale: une analyse géopolitique* (2010), além de *Contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas*,⁵ de 1985.
- 5 Deste modo, numa primeira seção deste artigo, discorreremos sobre elementos significativos dos primeiros anos da revista *Hérodote*, principalmente sua crítica a certos *geografismos*. Em um segundo momento, abordamos como o *raciocínio geopolítico*, forjado na interface entre a obra de Yves Lacoste e a supracitada revista, foi utilizado para uma crítica incisiva ao terceiro-mundismo. E, por último abordamos de que forma o cenário intelectual forjado pela escola Lacoste-*Hérodote* resultou num tratamento crítico aos estudos pós-coloniais de forma geral pelo geógrafo sobredito, já na primeira década do século XXI.

Uma guerrilha epistemológica: a escola Lacoste-*Hérodote*

- 6 *Stratégies, géographies, idéologies*. Era este o subtítulo da revista *Hérodote*, inaugurada no primeiro trimestre de 1976, dirigida por Yves Lacoste e com a colaboração de uma série de jovens acadêmicos, muitos também vinculados à inovadora Universidade de Vincennes.⁶ O projeto iconoclasta, direcionado a apontar o caráter estratégico, ideológico e profundamente político do conhecimento geográfico, atacava os dois lados da Cortina de Ferro, assim como os Estados em geral, que vedavam a cartografia das nações ao escrutínio público.
- 7 Nos primeiros anos da revista (1976-1987), segundo Bernard (2016: 49), as publicações trimestrais se dedicaram ao tratamento de questões de método, ideologia e epistemologia. Por um lado, Lacoste passou a difundir sua proposta de níveis de análise geográficos, utilizando escalas diversas, do local ao global, já presente em sua contribuição à coletânea *História da Filosofia*, dirigida por François Chatêlet, e publicada em 1973. Por outro lado, uma varredura dos conceitos geográficos precisava ser realizada.
- 8 Já no nº 1 da revista, Ronai (1976: 154-155), mesmo sob ponto de vista diferenciado ao de Lacoste, promove uma crítica afiada à utilização banal dos conceitos de paisagem e país, por exemplo. A primeira, segundo o autor, pressupunha uma naturalização da história, tratada como a nação impressa no território. O segundo condensaria ainda

mais esse vínculo, escondendo a construção do Estado-nação – expressões que automaticamente revelam um claro teor político – e as disputas relacionadas à consolidação do seu território sob o véu do “país”, alimentando a linguagem da “ideologia nacional” de forma neutralizada. Outro flanco atacado foi a região vidaliana, uma *personagem* com suas especificidades, considerada por Lacoste (1976b: 60-62), no seu célebre livro-panfleto,⁷ como lente mistificadora que enxerga sínteses harmoniosas de heranças históricas, pacificamente ordenadas, dentro do “corpo da pátria”.

- 9 Os *geografismos* foram especialmente criticados. Lacoste (1976b: 63) os entendia como “metáforas que transformam em forças políticas, em atores ou heróis da história, porções do espaço terrestre ou, mais exatamente, os nomes dados (pelos geógrafos) a territórios mais ou menos extensos”. Estava aberta, deste modo, a senda que permitiria, anos depois, à crítica da ideia – ou geografismo – de um “Terceiro Mundo” como detentor de um ímpeto revolucionário que o transformava numa espécie de Prometeu planetário, como Lacoste ([1985] 1991: 13-14) afirmaria anos depois.
- 10 Para Claval (2000: 247), mesmo em meio a essa busca por uma “[...] modernização e reformulação da geografia [...]” como um todo, os primeiros anos da revista também tiveram a forte presença de estudos empíricos voltados às guerras pós-coloniais e movimentos revolucionários no terceiro mundo. Contudo, como afirma Bernard (2016/1-2: 49), ainda que a temática envolvesse o exame de estratégias geopolíticas, este último termo ainda não era comum. Sendo assim, como, no 3º trimestre de 1982, o subtítulo antigo foi lançado à contracapa, e, abaixo do nome *Hérodote*, no seu nº 27,⁸ surgiu uma nova denominação: *Revue de géographie e géopolitique*? O que leva à pergunta: como uma expressão cercada de tabus acabou estampada na capa do periódico?
- 11 O manto da proscrição se encontrava sobre o termo geopolítica desde o segundo pós-guerra. Como afirma Costa ([1991] 2013), a geografia política, oriunda do pensamento ratzeliano, já era objeto de desconfiança por parte dos geógrafos franceses desde o entre-guerras, mesmo com as valiosas intervenções de Jacques Ancel, Jean Brunhes e Albert Demangeon. Entretanto, a geopolítica, consolidada com as obras do sueco Rudolf Kjellen, do inglês Halford Mackinder e do alemão Karl Haushofer – e popularizada na Alemanha pela mão de professores interessados em romper com o caráter acadêmico da tradição de Ratzel –, foi condenada, como afirma Korinman (1990), após a 2ª Guerra Mundial. O motivo: seu uso subserviente a serviço do nacional-socialismo de Hitler. Deste modo, após o conflito mundial, a “institucionalização de um tabu” se consolidou, nas palavras de Michel Korinman, inclusive com o banimento desse campo de estudos, assim como da geografia humana como um todo, na União Soviética de Josef Stálin (Lacoste, 2006: 23).
- 12 O desterro da geopolítica pode até ter sido importante para a reconciliação das comunidades universitárias alemã e francesa no pós-guerra (Foucher, 1990: 24), mas tornou os estudos que vinculavam a geografia à política nos mais marginalizados pela geografia francesa (Claval, *idem*: 240). Dentre os responsáveis, segundo Giblin (1985, 2012): a tradição de geografia física advinda de Emmanuel De Martonne, os estudos regionais de origem vidaliana, preocupados ainda com os gêneros de vida, assim como o economicismo dos marxistas. Para a autora, todos teriam contribuído para o ostracismo da geografia política como um todo.
- 13 Todavia, não demorou muito para que a “guerrilha epistemológica”, lançada pela “escola Lacoste-Hérodote”, para utilizar a expressão de Hepple (2000: 269), se transformasse na catalizadora de uma nova geopolítica francesa no início dos anos

1980. O *raciocínio geopolítico* vinculado a este projeto intelectual, e imiscuído à própria compreensão da geografia como um todo, ocupou um papel fundamental nesse processo.

- 14 Em 1993, é publicado o monumental *Dictionnaire de Géopolitique*, dirigido por Yves Lacoste, contando com verbetes escritos por ele próprio e um rol de mais de 40 outros pesquisadores. Na introdução à obra (1993: 1-35), o autor consolida sua proposta de um raciocínio geopolítico, que deveria se debruçar sobre, de forma geral, as rivalidades de poder em relação aos territórios. Todavia, sua função era não apenas observar situações de conflito, disputa e tensão, mas também ideias, estratégias, *representações*, mobilizadas pelos atores políticos, nos mais diversos níveis de análise. Desse modo, como afirma Loyer (2019: 45-60), inspirada em Lacoste e na tradição demarcada pela Hérodote, as *representações geopolíticas* – que sugerimos serem herdeiras diretas da concepção feita anteriormente de geografismo – são essenciais para a legitimação das diferentes táticas das posições em disputa no território. Principalmente no que diz respeito àquela que é considerada a representação geopolítica fundamental: a nação.⁹
- 15 Em sua obra mais conhecida, Lacoste (1976: 48 e 63) já criticava a fragilidade e banalização de *representações espaciais* como centro e periferia, Sul e Norte globais, e a forma como eram transformadas em *geografismos*, ou seja, metáforas que transformam porções do espaço terrestre em forças políticas em si. Já durante a década de 1960, em suas obras dedicadas ao estudo do subdesenvolvimento, Lacoste (1959: 69; 1965: 14) se colocava contra maniqueísmos simplificadores tais quais nações dominantes e “nações proletárias”.¹⁰ Para o autor, a “ideologia terceiro-mundista” (Lacoste, 1976: 57) colocava de lado a luta de classes, tentando estendê-la à escala global, ignorando as dissensões políticas internas aos Estados nacionais e suas responsabilidades locais em relação ao subdesenvolvimento e sua reprodução.
- 16 Entretanto, é a certo uso político do terceiro mundo como representação geopolítica que Lacoste direciona uma veemente crítica ao longo da década de 1980. Porém, um dos pressupostos para que essa tendência se concretizasse, tanto a ressurgência do termo geopolítica, como questionamento incisivo ao terceiro-mundismo, teve como gatilho uma guerra no Sudeste Asiático.
- 17 Em diversos de seus livros, em geral não traduzidos para a língua portuguesa, Lacoste (1980, 1985, 1990a, 1990b, 1993, 1997, 2006, 2010) aponta o conflito tríplice entre, de um lado, os aliados China e Camboja, e, de outro, o Vietnã, que atingiu o ápice no primeiro trimestre de 1979, como o principal responsável pelo retorno do termo *geopolítica* à imprensa francesa, assim como um duro golpe à utopia terceiro-mundista.

A terceira guerra da Indochina: o terceiro-mundismo em questão

- 18 No comando do Camboja desde 1975, Pol Pot (alcunha de Saloth Sar) promovia um regime autocrático, com inúmeros massacres envolvendo cambojanos e minorias étnicas (Bruneau, [1993] 1995: 356-361). Logo cedo escolheu a influência e presença vietnamita, assim como qualquer vínculo estrangeiro, como o elo a ser extirpado na história do Kampuchea Democrático, denominação do país desde que havia tomado o poder. Disputas fronteiriças serviram como pretexto para o confronto, e o Vietnã,

reunificado poucos anos antes, invadiu o vizinho em dezembro de 1978, vencendo as forças cambojanas em semanas.

- 19 Pol Pot, derrubado, refugiou-se num longo e marginal confronto guerrilheiro contra o poder central, dando pretexto à ocupação militar vietnamita por mais uma década. Um mês depois, a China, aliada de Pol Pot e já governada por Deng Xiaoping, atacou o Vietnã, também usando questões de fronteira como pretexto. Em pouco tempo, suas forças foram batidas pelos vietnamitas. Segundo Lacoste (1990b: II), a guerra significava um duro golpe na utopia terceiro-mundista, desconcertando e desesperando muitos que ainda estavam persuadidos da impossibilidade que Estados comunistas entrassem em conflito, ou mesmo que tivessem rivalidades.
- 20 Benedict Anderson ([1983,1991] 2008: 26), se referindo à guerra supracitada entre Vietnã, Camboja e China, afirma que:

Essas guerras são de importância histórica mundial por serem as primeiras a acontecer entre regimes com independência e credenciais revolucionárias inquestionáveis, e também porque nenhum dos beligerantes fez qualquer tentativa que não fosse extremamente superficial para justificar a carnificina em termos de uma perspectiva teórica que se pudesse reconhecer como *marxista*. (Anderson, 2008: 26)
- 21 Para Anderson¹¹ (2008: 28), mesmo os regimes revolucionários, pelo menos no que diz respeito ao século XX, acabavam sempre se definindo em termos nacionais, “[...] e, com isso, se firmaram solidamente num espaço territorial e social herdado do passado pré-revolucionário”. A ênfase que a guerra supracitada oferecia às narrativas e interesses nacionais, acima da solidariedade revolucionária, também serviu de matéria-prima para a crítica de Lacoste ao terceiro-mundismo.
- 22 No ano seguinte ao conflito, em 1980, foi lançada pela editora de François Maspero, a mesma que publicava a revista *Hérodote*, uma versão em três tomos da tese de Estado defendida por Yves Lacoste no ano anterior: *Unité & diversité du tiers monde*. No capítulo 1 do primeiro tomo da obra¹² (Lacoste, 1980a: 14-95), intitulado “Une unité fondée sur quoi?”, o autor faz uma análise histórica do que se convencionou designar por terceiro-mundismo. Seu exame avalia tanto a manifestação deste no que dizia respeito à intelectualidade francesa, mormente nas décadas de 1950 a 1970, como aos estadistas do mundo em descolonização, com suas supostas estratégias de política externa cooperativas. O núcleo da sua crítica: não havia solidariedade inata ao assim chamado terceiro mundo, haja vista a quantidade crescente de conflitos entre Estados nacionais da “periferia” global.
- 23 A análise sobre o terceiro-mundismo já reúne atualmente uma vasta literatura, na qual podemos destacar Chaliand (1978), Love (1998), Berger (2004), Albuquerque (2011) e Davey (2015). Em geral, assim como Lacoste (1980a), os comentadores examinam como expressões do terceiro-mundismo tanto tendências intelectuais a ele relacionadas como políticas externas de certos Estados que se valeram, de forma geral, da concepção neutralista de uma *terceira força* mundial em plena Guerra Fria.
- 24 Inspirado numa obra seminal de Chaliand (1978), também citada na supracitada tese de Lacoste, Szczezpanski-Huillery (2005), afirma que o conceito de terceiro mundo havia sido muito popularizado pela intelectualidade francesa a partir da década de 1950, principalmente sob a forma de uma projeção das esperanças revolucionárias internas, desapontadas com os rumos soviéticos, sobre o mundo em descolonização e/ou subdesenvolvido.

- 25 Do ponto de vista dos intelectuais, Love (1998) destaca a enorme diversidade de perspectivas voltadas à questão da busca por desenvolvimento no terceiro mundo após a 2ª Guerra Mundial. Era possível observar, por exemplo, uma via mais reformista, como a da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina), criada em 1949, e sediada em Santiago, no Chile, assim como o Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), existente entre 1955 e 1964,¹³ ambos ligados ao nacional-desenvolvimentismo. Além disso, estavam presentes, nesse mesmo contexto, também abordagens ligadas ao marxismo e que pregavam uma contestação maior à ordem internacional, como as versões marxistas da teoria da dependência e esquemas gerais que reforçavam a tese da centro-periferia, como de Samir Amin, criticadas por Lacoste (1980a: 44) como excessivamente economicista.
- 26 No campo da política externa, também era possível também observar uma distinção, mesmo que geral, entre propostas mais reformistas e mais revolucionárias. No primeiro caso, se encaixam a Índia de Jawarharlal Nehru (1947-1964), o Egito de Gamal Abdel Nasser (1953-1970) e a Indonésia de Ahmed Sukarno (1949-1967), que alcançaram o seu auge nas décadas de 1950 e 1960. O modelo de desenvolvimento presente nesses regimes, qualificados por Berger (2004: 11-18) como a “1ª geração de Bandung”, era de promover uma industrialização baseada na substituição de importações, planejada pelo Estado, assim como a tentativa de uma posição neutralista nas questões de política internacional. Um dos resultados deste processo foi a criação, em 1961, do Movimento dos Não-Alinhados, com o amplo apoio do iugoslavo Tito, no poder entre 1945 e 1980, e expurgado do bloco oriental por Josef Stalin em 1948.
- 27 Entretanto, a partir da década seguinte, conforme argumenta Berger (2004: 19-24), houve a ascensão do que qualifica como regimes terceiro-mundistas mais radicais, a “2ª geração de Bandung”. Seria o caso das ex-colônias portuguesas no continente africano, como Angola e Moçambique, além do aprofundamento do radicalismo dos regimes líbio e cubano, tendo este último uma posição importante na difusão do chamado *tricontinentalismo* – a ideia de uma posição eminentemente revolucionária da Ásia, África e América Latina em oposição ao Ocidente capitalista, com posições ambíguas e variadas frente ao bloco oriental.
- 28 Foi esse conjunto de experiências que passou a ser criticado de forma mais veemente por Lacoste (1980a: 14-95). O autor aponta uma série de experiências que evidenciavam claramente a fragilidade da ideia de um terceiro mundo coeso: a aproximação da China com o Chile de Pinochet, ou o Irã do Xá, em meio à Teoria dos Três Mundos antissoviética e antiamericana proposta ainda por Mao Tsé-Tung; logo depois, a guerra entre o Irã dos aiatolás e o Iraque de Saddam Hussein, além da invasão soviética do Afeganistão. Sem contar o auxílio cubano à repressão dos rebeldes eritreus na Etiópia. Os acontecimentos pareciam evidenciar a ilusão e o caráter profundamente ideológico de um Terceiro Mundo como recipiente de potencial revolucionário (Lacoste, 1980a: 7-13).
- 29 Entretanto, segundo Pitte (2016: 15-16), assim como Claval (idem: 250-251), a diferença de abordagem de Lacoste em relação ao Terceiro Mundo, “a virada”, teria se dado numa obra publicada 5 anos depois, intitulada *Contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas*. É nesta obra que Yves Lacoste questiona de forma veemente não apenas a ideia de uma unidade de solidariedade no terceiro mundo, mas também aspectos relacionados à política interna dos países subdesenvolvidos.

- 30 No livro, que Claval (idem: 205) qualifica como “[...] mais um pequeno livro tipicamente polêmico [...]” de Lacoste, esse último afirma que os “[...] terceiro-mundistas, no momento, defendem mal suas ideias – talvez porque na França essas sejam objeto, há trinta anos, de um consenso razoavelmente geral [...]” (Lacoste, [1985], 1991: 13). Ao início, já consta uma pergunta essencial do autor:
- De fato, como continuar a proclamar a unidade do terceiro mundo, a evocá-lo como um Prometeu, a afirmar a solidariedade heróica de aproximadamente 120 países pobres, se no interior deste conjunto os conflitos que não se podem facilmente imputar ao imperialismo são cada vez mais graves e numerosos? (Lacoste, [1985] 1991: 13-14)
- 31 Posteriormente, nos verbetes dedicados ao termo Terceiro Mundo, tanto no *Dictionnaire de Géopolitique*, sob a direção Yves Lacoste, publicado em 1993, como no seu *Dictionnaire de Géographie*, publicado 10 anos depois, há uma ênfase no caráter simplificador do termo. No primeiro caso, Lacoste afirma que:
- Dans la période 1965-1980, elle fut l'idée-force d'une puissante REPRÉSENTATION GÉOPOLITIQUE d'inspiration marxiste mais aussi chrétienne, selon laquelle les pays pauvres sont essentiellement des pays dominés par l'impérialisme qui veut empêcher leur développement. (LACOSTE, [1993] 1995: 1.501)¹⁴
- 32 O argumento de Lacoste não era novo. Para Aron ([1962] 2018: 617-625), falando no auge da Guerra Fria, “[...] as características comuns [...] do terceiro mundo, abstraindo suas múltiplas diferenças, não são suficientes para constituir um conjunto político [...]”. Segundo o autor, o Terceiro Mundo era uma “noção geográfica”, que poderia ser usada por comodidade, mas seus integrantes não “[...] apresentam uniformidade em seus valores e instituições ou no que diz respeito à postura diplomática”. Afinal, por exemplo, “[o]s Estados da África e da Ásia têm suas disputas locais, comparáveis às que ocorrem entre os Estados europeus” (Aron, 2018: 617). A neutralidade, no sentido tradicional, só era possível no caso europeu, como Suíça e Suécia, ausentes das alianças da OTAN e do Pacto de Varsóvia e estratégicas demais para serem assediadas diretamente, mas não no caso do assim chamado terceiro mundo. Nesse último era possível encontrar desde a Cuba castrista, alinhada com a União Soviética, à Tunísia, simpática ao Ocidente.
- 33 Isso porque, para Aron, não pertencer diretamente ao bloco ocidental ou ao soviético não dava automaticamente aos Estados surgidos da descolonização uma margem de ação muito grande para organizar um bloco geopolítico próprio, estando sempre sob o espectro da disputa geopolítica global bipolar da Guerra Fria. Este tipo de realidade pode ser visto no caso da Tanzânia,¹⁵ surgida com a unificação de Tanganica e Zanzibar, já Estados independentes. Segundo Raison ([1993] 1995: 1464-1467), Julius Nyerere, líder de Tanganica desde a independência, em 1961, arquitetou a unificação com a vizinha Zanzibar, ocorrida em 1964, pelo receio de que revolução ocorrida nesta última, em janeiro daquele ano, a tornasse uma base de ação soviética em plena África Oriental.
- 34 Entretanto, mesmo com a precedência dos apontamentos de Raymond Aron, a argumentação de Lacoste buscava atingir diretamente posições advindas de setores tanto à esquerda como à direita do espectro político francês no momento em que a obra foi publicada. Hepple (2000: 297) afirma que diversas obras de Yves Lacoste foram lançadas como forma de intervir em debates mais amplos da intelectualidade e sociedade francesas, muitas vezes polêmicos.
- 35 Por um lado, Lacoste (1991: 7-10) voltava sua crítica aos “anti-terceiro-mundistas”. Algumas vezes vinculados à extrema-direita nacionalista francesa, este grupo estava

mais predisposto a criticar qualquer política de ajuda ao assim chamado terceiro mundo, além de alimentar uma postura anti-imigratória. Segundo Lacoste (1991: 131-132), proclamavam a inexistência do terceiro mundo, negando a realidade do aspecto em comum que recobre uma parte grande da humanidade, que é o subdesenvolvimento e o alto crescimento demográfico.¹⁶

- 36 No entanto, a artilharia do autor se direciona simultaneamente, e mais intensamente, aos terceiro-mundistas. O autor rejeita o apoio cego de parte da esquerda francesa às políticas aplicadas em diversos regimes revolucionários para superar a economia de mercado ou atacar certas fatias do capital. A fome em Uganda e no Camboja, por exemplo, não seriam causadas pelo imperialismo, e, sim, teriam motivações essencialmente políticas: a ditadura de Idi Amin Dada e o regime do Khmer Vermelho, respectivamente (Lacoste, 1991: 47). A coletivização agrícola e a abolição da propriedade privada, por exemplo, não seriam soluções para a pobreza nos países subdesenvolvidos (Lacoste, 1985: 136-137). Segundo o autor:

Geralmente se silencia sobre a responsabilidade das minorias privilegiadas nacionais nas tragédias que os povos do terceiro mundo conheceram desde a expansão europeia, e no estabelecimento dos fatores que determinam sua situação atual de subdesenvolvimento. (Lacoste, 1991: 38)

- 37 Sugerimos que a crítica do autor em relação aos estudos pós-coloniais no início do século XXI segue no caminho demarcado pela insistência de Lacoste na crítica tanto aos anti-terceiro-mundistas como a certos terceiro-mundistas.

Os estudos pós-coloniais: atenção, política!

- 38 O editorial do nº 1 da revista *Hérodote* tinha o seguinte título: “Atenção, geografia!”. Contudo, era o liame entre geografia e a política o núcleo do projeto. A política estava também no cerne da crítica de Lacoste ao terceiro-mundismo em sua obra de 1980, *Unité & diversité du tiers monde*. Nesta última, Lacoste (1980a: 28) divide os comentaristas sobre o terceiro mundo em dois grupos: um vinculado aos debates sobre os “países desenvolvidos” e a “periferia” mundial, munidos de um arsenal economicista, muitas vezes provindo do marxismo; e um outro atento às relações de poder no interior de formações sociais, à luta de classes e às representações do terceiro mundo em geral, que seriam, acima de tudo, geopolíticas. Três décadas depois, a insistência na política e na história foi colocada como núcleo da crítica de Yves Lacoste aos estudos pós-coloniais.
- 39 O gatilho para que o assunto viesse à tona novamente foram os protestos ocorridos nas periferias de Paris, principalmente em novembro de 2005, que se difundiram por diversas cidades francesas, principalmente protagonizados por descendentes de imigrantes, marginalizados socialmente, e as forças policiais, com episódios de violência mútua.
- 40 Segundo Lacoste (2010: 70), além do acontecimento alimentar nova onda de proclamações anti-imigratórias e xenófobas da extrema-direita francesa, o que Lacoste repudia, serviu como campo fértil para a difusão, em uma parte dos meios de esquerda, da ideia de que a França estaria atravessada por uma “fratura colonial”, resultante de “[...] uma profunda impregnação colonialista da sociedade francesa”. Segundo esse relato, a França estaria associada indissociavelmente não apenas a uma repressão contínua aos descendentes de imigrantes, mas também seria ela a causadora da pobreza de suas ex-colônias, e, deste modo, da própria emigração dos indivíduos dos Estados

surgidos da descolonização. Segundo este grupo, ainda no século XXI, “[a] França é um Estado colonial” (Lacoste, 2010: 53).

- 41 Os acontecimentos, e o debate intelectual que suscitou, motivaram inclusive que o nº 120 da *Hérodote*, relativo ao 1º trimestre de 2006 e que marcava os 30 anos da revista, fosse dedicado ao tema, intitulado como *La question post coloniale*. Como afirma Bernard (2016: 56), o número estava dedicado a inserir também os geógrafos em um debate em geral ocupado por politólogos, sociólogos e historiadores. Poucos anos depois, Lacoste (2010) lançaria um livro com o mesmo título do sobredito número da revista, adicionado ao subtítulo *Une analyse géopolitique*. Mantinha-se a tradição de suas publicações consolidarem debates oriundos do interior da *Hérodote*, como afirmavam Claval (2000: 258) e Hepple (2000: 297).
- 42 Lacoste aponta críticas à versão da França dividida em uma “fratura colonial” e estende-a aos argumentos mobilizados pelos defensores desta posição, que se valiam em geral do conjunto dos assim chamados *estudos pós-coloniais*, dando destaque principalmente à obra de Gayatri Chakravorty Spivak (Lacoste, 2010: 403-405).
- 43 Críticas aos estudos pós-coloniais já haviam sido lançadas na década anterior por autores marcados pela posição marxista, como Ahmad (2002: 83-107). Seu alvo principal: a interpretação, por parte do crítico literário Frederic Jameson, de que a cultura mundial poderia ser compreendida com base no binômio *cosmopolitismo pós-moderno/alegorias nacionais*, vinculados, respectivamente, ao centro e à periferia do sistema capitalista global. Para Ahmad, seria precipitada a valorização automática de parte da esquerda intelectual em relação a qualquer manifestação cultural que provenha da periferia, tratando-a como necessariamente anti-imperialistas e/ou anti-capitalista.
- 44 Para Lacoste (2010: 108-110) um equívoco dos estudos pós-coloniais em geral é o fato de tratarem o colonialismo como eterno, principalmente no sentido cultural, diminuindo a importância da conquista das independências das antigas colônias, resultantes de importantes movimentos políticos. Por exemplo, para o autor, a ideia de um colonialismo eterno atuando em escala planetária joga água no moinho do movimento jihadista, que se prega como revolucionário, mesmo tendo um caráter altamente reacionário (Lacoste, 2010: 110).
- 45 O núcleo da argumentação de Lacoste é o de que a versão que invoca o colonialismo francês como diretamente vinculado e único responsável pela marginalização de uma parte da população imigrante e pela pobreza de suas ex-colônias é simplificador. Seu principal adendo: uma parte grande dos descendentes de imigrantes, principalmente argelinos, que vivem na França possuem antepassados que deixaram sua terra natal não pela pobreza em si, mas pela repressão e perseguição a que foram submetidos pelos regimes de partido único instituídos após as independências. Isso ocorreu inclusive na Argélia, onde a Frente de Libertação Nacional comandou o Estado como partido único da independência, em 1962, até 1988 (Lacoste, 2010: 68).
- 46 Lacoste (2010: 67-77) critica como simplificadora a interpretação que enxergava uma França dividida por uma “fratura colonial”, que tratava os imigrantes, vindos do terceiro mundo e geralmente muçulmanos, como um “novo proletariado”, numa linha contínua de exploração que ia do colonialismo à mundialização. O autor sugere uma abordagem mais complexa, vinculada à história e à geopolítica, através das quais seria traçado um panorama que colocaria em evidência o papel do colonizador, mas também das elites locais que haviam contribuído e se beneficiado da colonização, sem contar os

regimes instalados após as independências, e suas variadas características e posicionamentos.

47 Um caso especialmente comentado por Lacoste (2010: 90-102) é o dos cabilas, minoria berbere presente na Argélia, historicamente reprimida não apenas pela colonização francesa, mas também pelo regime de partido-único instituído após a independência argelina, com a Frente de Libertação Nacional (FLN) no comando entre 1962 e 1988. No próprio *Dictionnaire de Géopolitique* (1993), publicação dirigida por Yves Lacoste, os verbetes de cada Estado nacional não deixam de indicar o caráter ditatorial de diversos regimes instalados no terceiro mundo ao longo do século XX, fosse o caso do indonésio Sukarno, do egípcio Nasser, do líbio Kadhafi.

48 Mesmo antes das críticas presentes em Lacoste (1991), o autor já discutia tais questões em sua *Géographie du sous-développement*, reeditada e reformulada em 1976 com o subtítulo *géopolitique d'une crise*.¹⁷ Na conclusão da obra, afirma que muitos dos regimes “mais reacionários”, localizados no terceiro mundo, com governos fiéis aos privilégios econômicos e políticos, utilizavam o colonialismo como um “álibi para o presente” de miséria e pobreza, envoltos em “proclamações anti-imperialistas”. Para o autor:

Attribuer toutes les difficultés des pays ‘sous-développés’ au ‘colonialisme’, à l’impérialisme, envisagé comme une force extérieure, c’est participer au camouflage du rôle essentiel que les privilégiés autochtones ont joué depuis la conquête coloniale, depuis l’Indépendance et qu’ils jouent de plus en plus aujourd’hui. La seule façon de lutter contre l’impérialisme est, dans de cadre de chaque État, de chaque nation, de lutter pour se débarrasser des minorités privilégiés qu’il soutient et sans lesquelles il ne peut pas grand-chose. (Lacoste, 1991: 282-283)¹⁸

49 Interessante observar que Yves Lacoste reitera um argumento que já estava presente em seu primeiro livro sobre o subdesenvolvimento, de 1959, intitulado *Les pays sous-développés*. Nesta obra seminal, Lacoste (1959: 48-76) busca destacar quais seriam as causas para o subdesenvolvimento, buscando afastar-se da explicação que imputa ao colonialismo toda a culpa pelas vicissitudes do assim chamado Terceiro Mundo. Para o autor, uma das causas essenciais do menor desenvolvimento seria o fato de que uma burguesia mercantil foi incapaz de se desenvolver no que se convencionou posteriormente chamar de sociedades subdesenvolvidas, e sim pode despontar como classe social apenas na Europa Ocidental. Se o argumento já servia de crítica aos terceiro-mundistas ao fim da década de 1950, tem semelhanças com as observações utilizadas pelo autor 5 décadas depois, ao traçar os limites entre seu pensamento e o que acusa ser uma abordagem excessivamente filosófica e culturalista dos estudos pós-coloniais (Lacoste, 2010: 403-410).

50 O fato de Lacoste (2010) ressaltar inúmeras vezes o caráter autoritário de muitos regimes do terceiro mundo após as independências, inclusive ao próprio Vietnã reunificado (Lacoste, 2010: 37) parece ter relação também com a necessidade de atar o método de análise geopolítico a uma missão relacionada à formação dos cidadãos para a defesa da democracia, como já apontava anteriormente (Lacoste, 1993: 19-21, 34-35). Como afirma Loyer (2019: 144), inspirada em Yves Lacoste e nas reflexões oriundas da revista *Hérodote*, é difícil fazer uma análise geopolítica em um Estado governado por um partido único, já que a ausência ou precariedade de eleições, além da falta de uma imprensa livre, por exemplo, inibem a concorrência de diferentes representações geopolíticas no seio da mesma sociedade, além do debate de ideias como um todo.

- 51 Para Lacoste (1993: 64-66), deveria haver um vínculo indissociável entre a luta pela democracia, seja pela sua manutenção ou o seu estabelecimento, e a ideia de nação. A época era marcada pela consolidação de novos regimes democráticos no continente europeu, com a implosão do bloco oriental, liderado pela União Soviética, na virada entre as décadas de 1980 e 1990.
- 52 Lacoste (1993: 19-21, 34-35) já havia antes estabelecido a necessidade de atar o método de análise geopolítico em uma missão relacionada à formação dos cidadãos para a defesa da democracia. As liberdades civis e políticas, incluindo de imprensa e expressão, seriam fatores essenciais para que as diferentes representações geopolíticas, da nação ou de outros conjuntos simbólicos, pudessem ser difundidas e colocadas em concorrência. Afinal, sublinha que “[...] le sens fondamental de géopolitique est la politique”. E política entendida como “[...] la discussion, le débat, les rivalités entre citoyens sur les lois, sur les affaires et les problèmes de la cité ou de leur nation”. O método de análise geopolítico era colocado como comprometido em compreender e discutir as rivalidades de poder sobre o território, mas ideologicamente também comprometido com certas concepções de política e democracia, tendo a nação como pano de fundo.

Conclusão

- 53 O presente artigo buscou evidenciar o quanto a crítica de Yves Lacoste ao terceiro-mundismo, que já aparece mais claramente em 1980, simultânea à ressurgência da geopolítica na imprensa e na geografia francesas, demarcou uma trilha sobre a qual foi traçada a sua abordagem crítica aos estudos pós-coloniais. Ou seja, três décadas depois, o autor continua criticando maniqueísmos que dividem simplificadamente o espaço global, borrando as especificidades locais, regionais e, principalmente, nacionais, ignorando a forma como a política se inscreve no território através de infindáveis disputas e rivalidades.
- 54 Em *La question post coloniale: une analyse géopolitique*, Lacoste mantém sua tendência anterior de debater de forma polêmica, criticando, na mesma obra, as interpretações vinculadas à esquerda, que defendem a ideia de uma “fratura colonial” na França, as proclamações reacionárias de militantes islamistas, a doutrina conservadora do “choque de civilizações” e a concepção excludente de cidadania oriunda da extrema-direita francesa. Pode-se perceber que a obra segue uma tendência já presente em *Vive la nation: destin d’une idée géopolitique* (1997), na qual diversas representações da nação francesa são colocadas em jogo.
- 55 Ou seja, o projeto vinculado à revista *Hérodote*, lançado na segunda metade da década de 1970, e tendo Yves Lacoste como principal expoente, se consolidou como uma escola de longo prazo no que diz respeito à formação de um método de análise geopolítico. O lançamento da obra *Géopolitique: méthode e concepts*, por Barbara Loyer, em 2019, mostra a continuidade do processo, mediante o qual representações geopolíticas como “Sul global”, “Terceiro Mundo”, e “nação” continuam a ser analisadas e investigadas através da sua manifestação em diferentes estratégias políticas e ideológicas.

BIBLIOGRAFIA

Ahmad, Aijaz. *Linhagens do presente: ensaios*. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. 288 p.

Albuquerque F., Germán. Tercer Mundo y tercermundismo en Brasil: hacia su constitución como sensibilidad hegemónica em el campo cultural brasileño – 1958-1990. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 37, n. 2, 2011, p. 176-195.

Anderson, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 2008 [1983, 1991]. 336 p.

Aron, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Tradução de Sergio Bath. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes/Editora Universidade de Brasília, 2018 [1962]. 952 p.

Bataillon, Claude (2006). Six géographes en quête d'engagement: du communisme à l'aménagement du territoire. Essai sur une generation". *Cybergeo: European Journal of Geography* [Online], 2006. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/cybergeo/1739>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

Berger, Mark. T. After the Third World? History, destiny and the fate of Third Worldism. *Third World Quarterly*, v. 25, n. 1, 2004, p. 9-39.

Bernard, Olivier. Dix brèves notations pour quarante ans d'Hérodote. *Hérodote*, n. 160-161, 2016/1-2, p. 41-60. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-herodote-2016-1.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

Bruneau, Michel. Cambodge. In: Lacoste, Yves (dir.). *Dictionnaire de Géopolitique*. Paris: Flammarion, 1995 [1993]. p. 356-361.

Claval, Paul. Hérodote and the French Left. In: Dodds, Klaus & Atkinson, David. *Geopolitical Traditions: a century of geopolitical thought*. Londres e Nova York: Routledge, 2000, p. 239-267.

Costa, Wanderley Messias da.. *Geografia Política e Geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2013 [1990]. 352 p.

Davey, Eleanor. *Idealism beyond borders: The French Revolutionary Left and the Rise of Humanitarianism, 1954-1988*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. 338 p.

Giblin, Béatrice. La géopolitique : um raisonnement géographique d'avant garde. *Hérodote*, n. 146-147, 2012/3-4, p. 3-13. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-herodote-2012-3.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

Giblin, Béatrice. Hérodote, une géographie géopolitique. *Cahiers de géographie du Québec*, v. 29, n. 77, 1984, p. 283-294. Disponível em: <<https://www.erudit.org/en/journals/cgq/1900-v1-n1-cgq2649/021724ar/>>. Acesso em: 05 dez. 2020.

Hepple, Leslie H. Géopolitiques de gauche: Yves Lacoste, Hérodote and French radical geopolitics. In: Dodds, Klaus; Atkinson, David. *Geopolitical Traditions: a century of geopolitical thought*. Londres e Nova York: Routledge, 2000, p. 268-301.

Korinman, Michel. *Quand l'Allemagne pensait le monde : Grandeur et décadence d'une géopolitique*. Fayard, 1990. 418 p.

- Love, Joseph. *A construção do Terceiro Mundo: teorias do subdesenvolvimento na Romênia e no Brasil*. Tradução Patrícia Zimbres. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998 [1996]. 644 p.
- Lacoste, Yves. *Les pays sous-développés*. Collection “Que sais-je?”. 2. ed. Presses Universitaires de France (PUF) : Paris, 1960 [1959]. 128 p.
- Lacoste, Yves. *Géographie du sous-développement*. Paris : Presses Universitaires de France (PUF), 1965. 290 p.
- Lacoste, Yves. A geografia. In: Châtelet, François (org.) *A filosofia das ciências sociais. Volume 7: de 1860 aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974 [1973], p. 221-234.
- Lacoste, Yves. *Géographie du sous-développement : géopolitique d’une crise*. Paris : Presses Universitaires de France (PUF), 3. édition entièrement refondue, 1976. 296 p.
- Lacoste, Yves. *A geografia serve – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Tradução de Maria Cecília França. 19. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012 [1976]. 240 p.
- Lacoste, Yves. *Unité et diversité du Tiers Monde : I – Des représentations planétaires aux stratégies sur le terrain*. (Tome I). Paris : François Maspero / Hérodote, 1980a. 208 p.
- Lacoste, Yves. *Unité et diversité du Tiers Monde : II – Vallées desertes-deltas surpeuplés / Afrique & Asie Tropicales*. (Tome II). Paris : François Maspero / Hérodote, 1980b. 200 p.
- Lacoste, Yves. *Unité et diversité du Tiers Monde : III – Foyers révolutionnaires dans les montagens / Amérique Latine & Afrique du Nord*. (Tome III). Paris : François Maspero / Hérodote, 1980c. 208 p.
- Lacoste, Yves. *Contra os anti-terceiro-mundistas e contra certos terceiro-mundistas*. Tradução de Márcia Nogueira de Albuquerque. São Paulo: Editora Ática, 1991 [1985]. 143 p.
- Lacoste, Yves. *Paysages politiques : Braudel, Gracq, Reclus...*. Paris: Librairie Générale Française, 1990a. 288 p.
- Lacoste, Yves. Préface. In: Korinman, Michael. *Quand l’Allemagne pensait le monde : Grandeur et décadence d’une géopolitique*. Paris : Fayard, 1990b, p. I-XIV.
- Lacoste, Yves (dir.). *Dictionnaire de Géopolitique*. Paris : Flammarion, 1995 [1993]. 1718 p.
- Lacoste, Yves. *Vive la nation : Destin d’une idée géopolitique*. Paris : Fayard, 1997. 328 p.
- Lacoste, Yves. *Dictionnaire de la géographie : De la géopolitique aux paysages*. Paris : Armand Colin, 2009 [2003]. 416 p.
- Lacoste, Yves. *Géopolitique : la longue histoire d’aujourd’hui*. Paris : Larousse, 2006. 338 p.
- Lacoste, Yves. *La question post coloniale : Une analyse géopolitique*. Paris : Fayard, 2010. 344 p.
- Loyer, Barbara. *Géopolitique : Méthodes et concepts*. Armand Colin, 2019. 224 p.
- Musset, Alain. De Lênin a Lacoste: Os arquétipos espaciais do subdesenvolvimento. In: Ribeiro, MTF.; Milani, CRS., (orgs.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 86-113. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/37t/pdf/ribeiro-9788523209322-04.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- Pedrosa, Breno Viotto. Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura. 361f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- Pitte, Jean-Robert. Hérodote: quatre décennies de lecture pragmatique du monde. *Hérodote*, n. 160-161, 2016/1-2, p. 9-22. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-herodote-2016-1.htm>>. Acesso em: 04 dez. 2020.

Raison, Jean-Pierre. Tanzanie. In: Lacoste, Yves (dir.). *Dictionnaire de Géopolitique*. Paris : Flammarion, 1995 [1993], p. 1464-1467.

Ronai, Maurice. Paysages. *Hérodote*, n. 1, 1976/1, p. 125-159. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/cb343771523/date1976.liste>>. Acesso em: 24 jun. de 2020.

Szcezepanski-Huillery, Maxime. “L’idéologie tier-mondiste”. *Constructions et usages d’une catégorie intellectuelle em “crise”*. *Raisons politique*, n. 18, 2005 /2, p. 27-48.

Toledo, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. 2. ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997. 224 p.

Verdi, Elisa Favaro. *Produção geográfica e ruptura crítica: a geografia uspiana entre 1964 e 1985*. 262f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo São Paulo, 2016.

Verdi, Elisa Favaro. Yves Lacoste: a geografia do subdesenvolvimento e a reconstrução da geopolítica. *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], n. 9, 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/2286> . Acesso em: 09 dez. 2020.

Verdi, Elisa Favaro. A geografia ativa. *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], n. 13, 2020. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/6312#quotation>>. Acesso em: 23 jan. 2021.

Zanotelli, Cláudio. *Yves Lacoste: entrevistas*. Transcrição de Florence Baltz Zanotelli. São Paulo: Annablume, 2005. 112 p.

NOTAS

1. Segundo Claval (2000: 240), Jean Dresch, ao lado de Pierre George, seria uma das fontes de inspiração para a geografia proposta por Lacoste na década de 1970, na sua concepção iconoclasta vinculada à revista *Hérodote*. Bataillon (2006: 6-7) afirma que Jean Dresch orientou a *Thèse d’État* de Yves Lacoste, defendida em 1979 e publicada em 1980 sob o título de *Unité et Diversité du Tiers Monde*. O nº 11 da revista *Hérodote* (na época dirigida por Yves Lacoste), relativo ao 3º trimestre de 1978, é totalmente dedicado a Jean Dresch e sua relação com a luta anticolonial. O número pode ser encontrado através do seguinte link, no portal Gallica: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5797641b?rk=85837;2>>.

2. Em 1964, sob a liderança de Pierre George, foi lançado o livro *La géographie active*, com tradução para o português publicada em 1966 pela Difusão Europeia do Livro com o título *A geografia ativa*. No corpo do texto constam textos de Pierre George, Yves Lacoste, Bernard Kayser e Raymond Guglielmo. Pedrosa (2013: 153) afirma que a obra representava uma certa coesão entre geógrafos de esquerda em propor um paradigma que divergisse com a geografia regional tradicional. Entretanto, a parceria entre Lacoste e George não duraria muito tempo: por volta de 1968 teriam se afastado, segundo entrevista concedida por Yves Lacoste a Cláudio Zanotelli (Zanotelli, 2005: 97). Sobre a importância da geografia ativa no pensamento geográfico como um todo e sua especificidade no caso brasileiro, ver Verdi (2020).

3. Para comentários importantes sobre a trajetória de Yves Lacoste como geógrafo do subdesenvolvimento, consultar Verdi (2016, 2017) e Musset (2009).

4. “[...] Isso significa que as mudanças mais progressivas nas concepções de geopolítica, imperialismo e nações desde então permaneceram ignoradas, especialmente na Espanha, no Brasil e nos países latino-americanos hispânicos” (Tradução livre).

5. Seguindo a pista lançada por Lacoste nesse livro, utilizaremos o termo terceiro mundo com iniciais minúsculas. Segundo o autor “[...] “Terceiro Mundo” favorece a personalização

prometeica deste conjunto geopolítico, enquanto “terceiro mundo” vai contra essa tendência lírica” (Lacoste [1985] 1991: 7).

6. Dentre os indivíduos mais presentes nos primeiros números da revista estão Béatrice Giblin, Michel Foucher, Olivier Bernard, Maurice Ronai e Michel Korinman.

7. Claval (2000: 245) afirma que, depois de poucos meses do lançamento da revista *Hérodote*, em janeiro de 1976, Lacoste “[...] publicou um pequeno e muito polêmico livro que clarificou seus objetivos intelectuais e políticos [...]” (tradução livre de “[...] published a short and very polemical book which clarified his intellectual and political objectives [...]”), justamente o supracitado *La géographie, ça sert, d’abord, à faire la guerre*. Claval (2000: 261) o trata como um “panfleto inicial” para as ideias que seriam publicadas na revista nos anos posteriores.

8. O tema central do sobredito número era o Caribe, tratado como “Mediterrâneo Americano”, nas palavras de Alexander von Humboldt.

9. Dentre os principais números da revista *Hérodote* dedicados ao tema pode-se destacar o nº 62, relacionado ao 3º trimestre de 1991, intitulado “Les territoires de la nation”, e o nº 71, intitulado “L’Inde et la question nationale”, do 4º trimestre de 1993, e, principalmente, o nº 72, relativo aos dois primeiros trimestres de 1994, intitulado “Nation, nations, nationalistes”. O segundo período na história da revista (1988-2001), de acordo com classificação de Olivier Bernard (2016: 52-55), foi caracterizado principalmente pela abordagem da análise das diferentes situações e ideias geopolíticas relacionadas às nações. O livro *Vive la Nation: destin d’une idée géopolitique* (Lacoste, 1997) resultava de um debate de quase uma década sobre a ideia da nação como representação geopolítica fundamental.

10. Uma das obras criticadas por Lacoste tanto em 1959 quanto em 1965 é de Pierre Moussa, intitulada “Le nations prolétaires”, de 1959.

11. O conflito teria sido o gatilho que motivou Anderson a estruturar um debate maior sobre o conceito de nação durante a década de 1980 e 1990, no qual se destacaram também intelectuais como Eric Hobsbawm e Ernest Gellner. Anderson (2008: 28) entende nação como “[...] uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”.

12. Lacoste, Yves. *Unité et diversité du Tiers Monde: I – Des représentations planétaires aux stratégies sur le terrain*. (Tome I). Paris : François Maspero / *Hérodote*, 1980, 208 p. Os outros dois tomos (Lacoste, 1980b e 1980c) se dedicam à aplicação do raciocínio, construído ao longo dos anos no que tange ao projeto da *Hérodote*, em quatro estudos de caso específicos. No segundo tomo, o autor se debruça sobre questões de saúde e meio ambiente no Volta Branco, localizado na República do Alto Volta (Burkina Faso desde 1985), e à questão dos bombardeios ao rio Vermelho, no Vietnã, revisitando o célebre trabalho de 1972. No terceiro tomo, o autor se dedica a analisar o contexto geográfico das estratégias revolucionárias cubanas, assim como dos cabilas, povo berbere envolvido em uma série de lutas contra o colonialismo e contra o Estado argelino independente.

13. Sobre o Iseb, e os principais intelectuais que foram integrantes dessa instituição ao longo dos seus 9 anos de existência, é possível consultar a seguinte obra: Toledo, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. 2. ed. – Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997 [1977], 224 p.

14. “No período 1965-1980, ela foi a ideia-força de uma poderosa REPRESENTAÇÃO GEOPOLÍTICA de inspiração marxista, mas também cristã, de acordo com a qual os países pobres são essencialmente os países dominados pelo imperialismo, o qual pretende impedir o seu desenvolvimento” Tradução livre.

15. A denominação “Tanzânia” é um amálgama dos termos Tanganica e Zanzibar.

16. Nas obras de Yves Lacoste sobre o subdesenvolvimento (Lacoste, 1959, 1965, 1976b), o autor frisa o alto crescimento demográfico como uma das características essenciais do subdesenvolvimento.

17. O trabalho é apontado por Musset (2009) como uma das tentativas mais importantes de abordar o fenômeno do subdesenvolvimento de acordo com a forma mediante a qual se dá territorialmente.

18. “Atribuir todas as dificuldades dos países ‘subdesenvolvidos’ ao ‘colonialismo’, ao imperialismo, visto como uma força exterior, é participar da camuflagem do papel essencial que os autóctones privilegiados cumpriram desde a conquista colonial, desde a Independência e que cumprem de mais em mais hoje. O único jeito de lutar contra o imperialismo é, no quadro de cada Estado, de cada nação, lutar para se livrar das minorias privilegiadas que ele apoia e sem as quais não pode grande coisa” (Tradução livre).

RESUMOS

O presente artigo busca discorrer sobre a crítica de Yves Lacoste ao terceiro-mundismo, ao longo dos anos 1980, e de como essa crítica demarcou seu julgamento posterior sobre os estudos pós-coloniais, já na primeira década do século XXI. Sugerimos que esses apontamentos devem ser compreendidos através da lente do *raciocínio geopolítico*, forjado no seio do periódico *Hérodote*, e realizamos essa discussão projetando luz sobre obras de Yves Lacoste ainda não traduzidas para a língua portuguesa.

This article seeks to discuss Yves Lacoste's criticism of third worldism, throughout the 1980s, and how this criticism marked his later judgment on post-colonial studies, already in the first decade of the 21st century. We suggest that these notes should be understood through the lens of geopolitical reasoning, forged within the journal *Hérodote*, and we conducted this discussion by shedding light on works by Yves Lacoste that have not yet been translated into Portuguese.

Cet article cherche à discuter de la critique du tiers-mondisme d'Yves Lacoste, tout au long des années 1980, et de la façon dont cette critique a marqué son jugement ultérieur sur les études postcoloniales, déjà dans la première décennie du 21^e siècle. Nous proposons que ces notes soient appréhendées à travers le prisme du raisonnement géopolitique, forgé au sein de la revue *Hérodote*, et nous avons tenu cette discussion en mettant en lumière des œuvres d'Yves Lacoste qui n'ont pas encore été traduites en portugais.

Este artículo busca discutir la crítica de Yves Lacoste al tercermundismo, a lo largo de la década de 1980, y cómo esta crítica marcó su juicio posterior sobre los estudios poscoloniales, ya en la primera década del siglo XXI. Sugerimos que estas notas se entiendan a través de la lente del razonamiento geopolítico, forjado dentro de la revista *Hérodote*, y realizamos esta discusión arrojando luz sobre trabajos de Yves Lacoste que aún no han sido traducidos al portugués.

ÍNDICE

Índice geográfico: França

Índice cronológico: 1980-2010

Palavras-chave: Yves Lacoste, Hérodote, raciocínio geopolítico, terceiro-mundismo, estudos pós-coloniais

Palabras claves: Yves Lacoste, Hérodote, razonamiento geopolítico, tercermundismo, estudios poscoloniales

Mots-clés: Yves Lacoste, Hérodote, raisonnement géopolitique, tiers-mondisme, études postcoloniales

Keywords: Yves Lacoste, Hérodote, geopolitical reasoning, third-worldism, postcolonial studies

AUTOR

VÍCTOR DALTOÉ DOS ANJOS

Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política (PPGSP), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH), Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Ciência Política em andamento. E-mail: victordaltoe@gmail.com